

PRODUÇÃO DE CEBOLA NO MERCOSUL: aspectos tecnológicos e integração de mercado no Brasil e na Argentina¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²
Humberto Sebastião Alves³

1 - INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A abertura comercial na década de 1990 ocorreu no estágio singular da cebolicultura brasileira, quando havia expansão da fronteira agrícola e a produção de cebola incorporava tecnologia, adotando novas variedades, melhorando tratamentos culturais e implementando a irrigação, o que possibilitou às regiões se ajustarem ao novo contexto de mercado.

O abastecimento de cebola no Brasil teve alterações significativas nos últimos quinze anos, devido à formação do MERCOSUL, que possibilitou o fornecimento de cebola argentina, além da oferta de bulbos de regiões brasileiras. Em razão disso, a quantidade ofertada aumentou significativamente. Isso causou desequilíbrio do mercado e perdas aos cebolicultores dos dois países. Apesar dessas crises a cadeia produtiva teve avanços no setor produtivo, com aumento da quantidade ofertada a custos de produção menores.

O estudo propõe-se a apresentar os perfis da produção de cebola no Brasil e na Argentina no período 1990-2003, cuja participação no MERCOSUL é majoritária. Analisar-se-ão tecnologia e custo de produção nas principais regiões produtoras dos dois países. Será apresentada a quantidade ofertada para o abastecimento brasileiro e pelas principais regiões produtoras de cebola. Serão apresentados os cultivares, a tecnologia de produção e os custos no Brasil e na Argentina. Serão analisados os preços e quantidade comercializada através da variação estacional bianual nos mercados atacadistas de São Paulo e Buenos Aires no período 1998-2003.

Pretende-se apresentar proposta de calendário de safras solidárias no Brasil, baseado no período 2001-2003, e sugerir quantidade importada da Argentina que deverá ser negociada com a Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación (SAGPyA) e discutidas em reuniões ordinárias previstas no acordo MERCOSUL⁴.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A metodologia adotada para análise tem como material as informações de produção e os preços mensais publicados em Informações Estatísticas da Agricultura do Instituto de Economía Agrícola (ANUÁRIO, 2004) e da Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación (SAGPyA) da Argentina (ANUÁRIO, 2004), os dados de importação do Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC, 2004), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004) e Vilela et al. (2002). O método utilizado para o cálculo do padrão estacional bianual na análise de mercado foi o da média móvel geométrica centralizada proposta por Hoffmann (1980).

3 - PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL E NA ARGENTINA

O abastecimento dos quatro países do MERCOSUL com cebola na década de 1990 dependeu significativamente das produções brasileira e argentina, pois as produções do Paraguai e Uruguai não ultrapassaram 3% da quantidade produzida (FAO, 2003).

As regiões de produção de cebola no Brasil são as mesmas nos últimos 30 anos. O que mudou foi a participação na quantidade pro-

¹Cadastrado no SIGA NRP1650 e registrado no CCTC IE-04/2005.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economía Agrícola.

³Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economía Agrícola.

⁴As reuniões ordinárias que tratavam os ajustes do mercado de olerícolas ocorreram em: Las Lenhas (Argentina), Porto Alegre (RS) e São Paulo (SP), Brasil.

duzida. A Argentina com a formação do MERCOSUL tornou-se o país principal concorrente dos bulbos nacionais, além do que algumas regiões de pouca expressão no Brasil aumentaram sua participação com a exploração da agricultura nos cerrados. No setor produtivo os cultivares à disposição do cebolicultor aumentou significativamente e os métodos de cultivo incorporaram tecnologia na produção em todas as regiões brasileiras, à exceção do Rio Grande do Sul.

Camargo Filho (1982), ao analisar a produção de cebola no Brasil na década de 1970, cita cerca de 20 cultivares utilizados no País, sendo cinco do grupo claras precoces de dias curtos cujas sementes são importadas, nove variedades baias periformes precoces, sementes nacionais. As cebolas de dias longos (tardias) resumiam-se a dois cultivares do Rio Grande do Sul. As cebolas roxas e brancas eram compostas de quatro variedades: duas nacionais e duas estrangeiras. O autor cita a produção de cebola utilizando-se a de bulbinhos que possuía cultivares apropriados e tinha expressão na produção no Estado de São Paulo, porque produzia bulbos na entressafra.

Três décadas se passaram e atualmente existem cerca de 50 cultivares de cebola explorados no País, em quatro regiões de produção: Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, nessa ordem de importância, algumas das variedades são importadas, outras nacionais e adaptadas a regiões específicas e épocas do ano. O cultivo de bulbinhos tornou-se ultrapassado e apareceu no mercado o cultivar Alfa Tropical da EMBRAPA, para o cultivo de verão, com semeadura ao final de dezembro e proporciona colheita em abril-maio, mesma época do outro método.

Na tabela 1 é mostrada as principais regiões produtoras, a tecnologia adotada e o custo de produção por hectare e por tonelada de bulbo comercializável.

Para o Brasil considerou-se 10% de descarte, assim o custo médio de todas as regiões é de cerca de R\$270/t.

A Região Sul participou com 50% do total brasileiro, e Santa Catarina, o maior Estado produtor, detém 34%. Neste Estado são cultivadas as variedades Bola Precoce e a Crioula, e a sua produtividade varia de 15 a 35t/ha dependendo do método, com o uso intensivo do cultivo mínimo na palha de grãos e cereal. O custo de produção médio é cerca de R\$300,75/t de bulbo comercializável (BOEING, 1995).

As informações sobre variedades e tecnologia de produção das regiões brasileiras, analisadas a seguir, foram obtidas em Simpósio (2004) e Vilela et al. (2002).

O Rio Grande do Sul, que detém 11% da produção nacional, utiliza o cultivo convencional (com transplante, aração e gradeação) com variedades tardias (Pêra Norte) e Baias Precoces, sendo o custo de produção médio de cerca de R\$210,00/t.

A produção do Estado de Paraná, contribui com cerca de 5% do total nacional, tem evoluído e ganha expressão no abastecimento. A produção paranaense é composta de cultivares tardias e precoces e o método de cultivo é por transplante de mudas. A maior parte da produção da Região Sul é destinada ao abastecimento no primeiro quadrimestre do ano através de estoques.

A Região Nordeste participa com 19% da produção nacional de bulbos, cultivando cebolas precoces (híbridas e variedades nacionais) Granex 33, IPA 11, IPA 6 e Alfa Tropical. A região produtora situa-se no Vale do Rio São Francisco abaixo e também acima da represa de Sobradinho nos Estados da Bahia e de Pernambuco. As águas oriundas do Rio São Francisco são levadas aos canais por bombeamento que abastecem as lavouras com canais permanentes, mediante tarifa paga pelos cebolicultores à Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco (CHESF), o cultivo ocorre em tabuleiros com irrigação por infiltração e a água é retirada com mangueiras pela ação da gravidade. Com este método a produtividade é próxima de 15t/ha. A montante de Sobradinho, o plantio é feito às margens da represa (várzeas e encostas), a irrigação é feita por recalque da água com motor utilizando-se de aspersão convencional ou pivô central, nesse caso o equipamento é do produtor, geralmente em áreas maiores que a média, a produtividade é de 25t/ha.

A produção de cebola do Estado de São Paulo participa com 22% do total nacional. A área cultivada é de 9.130 hectares, com o cultivo com bulbinhos ocupando cerca de 20% da área. A região de São José do Rio Pardo responde por cerca de 40% da área cultivada no Estado. Com a plantação de cultivares de dias curtos importados ou não: Superex, Piraouro, Optima, Granex 33 e Alfa Tropical. A produtividade média é de 28t/ha. O cultivo convencional ocorre com transplantes das mudas em sulcos na terra arada, gradeada, corrigida e adubada, e a irrigação é feita por asper-

TABELA 1 - Sistemas e Custos de Produção de Cebola, por Região Produtora no Brasil

Estado	Sistema de produção	Custo de produção ¹	
		R\$/ha	R\$/t
Santa Catarina	Agroecológico (10t/ha)	3.256,00	360,00
	Cultivo mínimo		
	Microtrator (15t/ha)	3.981,00	295,00
	Trator (25t/ha)	6.475,00	288,00
	Trator (35t/ha)	8.194,00	260,00
São Paulo ²	Plantio direto (36t/ha)	7.754,00	240,00
	Transplante (35t/ha)	7.520,00	200,00
Juazeiro (BA) ³	Transplante (25t/ha)	4.520,00	200,00
Petrolina (PE)	Transplante (25t/ha)	4.520,00	200,00
Rio Grande do Sul	Transplante (20t/ha)	3.699,00	210,00

¹Para calcular o custo em R\$/t considerou-se descarte de 10% na classificação e padronização.

²O custo de produção de transplante de São Paulo é da COOXUPE Núcleo São José do Rio Pardo, no Estado existem 500 hectares com plantio direto (400 hectares na região de Franca e 100 hectares em São José do Rio Pardo). A produtividade média é maior que 50 toneladas por hectare.

³Os municípios de Juazeiro e Petrolina formam uma só região produtora de cebola com tecnologia de produção similar.

Fonte: Vilela et al. (2002).

são convencional e também por pivô central. O uso deste tipo de equipamento é feito apenas por grandes produtores e em regiões planas. A produção de mudas em plasticultura é utilizada, mas não é regra. Para o cultivo de verão (semeadura em dezembro), por exemplo, ele é importante.

A região de Piedade responde por 27% da área total do Estado com produtividade de 25t/ha, alguns produtores de municípios do sudoeste paulista cultivam utilizando tecnologia e época semelhante a de Piedade e detêm cerca de 13% da área cultivada no Estado. As variedades mais utilizadas são as baías periformes precoces, Mercedes, Serrana e Optima. São realizados canteiros para formação de mudas e o transplante ocorre entre 50 e 60 dias em terrenos preparado e encanteirado com um metro de largura e 50 centímetros para caminho.

A região de Monte Alto na década de 1990 foi importante produtora de claras precoces, atualmente participa com 11% da área cultivada no Estado com produtividade de 24t/ha e o cultivo é com transplante de mudas, similar a de São José do Rio Pardo. A diminuição de cultivo em Monte Alto ocorreu devido à migração de produtores à região de Franca para realizar cultivo com semeadura direta, que ocupa área de 400ha e produtividade próxima a 60t/ha. Em São José do Rio Pardo já existe semeadura direta (100ha) e também cultivo mínimo na palha do milho. Essa região, incipiente nesse cultivo, a produtividade é maior que aquele com transplante de mudas, no entanto menor que 60t/ha.

Na Argentina cultiva-se predominantemente a variedade Valenciana (Sintética 14) na região de Mendoza e ao sul de Buenos Aires, onde é apta para armazenamento e exportação. Em seguida aparece o cultivar Valencianita precoce, plantada nas regiões irrigadas das províncias de San Juan e Santiago del Estero, ainda existe a cebola Blanca Chata ou Chaucha, que produz bulbos graúdos e de pouca conservação. Para desidratação industrial é utilizado o cultivar Southport White Globe. O custo da produção de cebola na Argentina, considerando a produtividade de 30t/ha, é de US\$49,00 por tonelada. Se forem considerados arrendamento da terra, toaleta e embalagem dos bulbos e carga o valor se eleva para US\$88,00 por tonelada (TOSI, 2004). Baseado na cotação do dólar (R\$2,90/US\$1,00), o custo em real é de R\$255,00 por tonelada (SUMA ECONÔMICA, 2004). O preço da cebola na fronteira Brasil-Argentina em 2004 foi de R\$350,00 a tonelada, com o transporte até São Paulo o valor é acrescido em cerca de R\$150,00 por tonelada, evidenciando a competitividade do bulbo argentino que possui padrão e qualidade e é ofertado no período de entressafra (CAMARGO FILHO e ALVES, 2004).

No Mercado Central de Buenos Aires a variação de preços no período 1990-2003 foi entre US\$200,00 e US\$300,00 por tonelada, a média, convertida em real, foi de R\$725,00 por tonelada (R\$2,93/US\$, novembro 2003) (SUMA ECONÔMICA, 2004).

O preço médio no mercado atacadista no período 2000-2003 foi de R\$576/t embalados

em sacas de 20kg. A variação de preços foi entre R\$400,00/t e R\$700,00/t durante o ano (safra e entressafra). Esse período, de poucas elevações acima do previsto e poucos meses com excesso de quantidade ofertada, permitiu uma afirmação de que o mercado foi estável. Esse diferencial entre o valor do custo de produção e o mercado atacadista tem remunerado o cebolicultor na cadeia produtiva. Com preços variáveis, porém acima do custo de produção. A prática na comercialização de cebola mostra que a adição de serviços para agregação de valor realizado pelos atacadistas atinge em média cerca de 30% sobre o valor recebido pelo produtor. Analisando-se os valores do preço de cebola nos mercados atacadistas em São Paulo e Buenos Aires, observa-se compatibilidade de preços no MERCOSUL.

4 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL E NA ARGENTINA

A produção brasileira de cebola no período 1985-89 era de 729,7 mil toneladas, cultivadas em 66,9 mil hectares e produtividade por hectare de 10.900kg/ha. No quinquênio seguinte (1990-94), já com o MERCOSUL em vigor, foram produzidas em média anualmente no Brasil 920,3 mil toneladas, a produtividade média foi de 12,07t/ha, em área de 76,22 mil hectares. No segundo quinquênio dos anos 90s (1995-99) a área cultivada foi de 69,2 mil ha/ano, a produtividade foi de 13,13t/ha e a produção anual média no quinquênio foi de 909,2 toneladas. No primeiro quadriênio do século XXI a área cultivada com cebola foi de 66,6 mil hectares/ano, cerca de 16% menos que a média quinquenal do início da década de 1990, enquanto a produção média anual foi 1,15 milhão de toneladas, 25% maior que no período 1990-94 (VILELA et al., 2002).

Observa-se que a produção brasileira aumentou em 25,6% com a criação do MERCOSUL considerando o primeiro quinquênio da década de 1990 e o período 2000-2004, houve aumento de produtividade, resultado da adoção da tecnologia de produção, enquanto a área cultivada diminuiu em 14,4% (Tabela 2).

A produção de cebola na Argentina, historicamente tende a aumentar quando há participação no abastecimento do mercado brasileiro, porque produz cebolas tardias resistentes ao armazenamento e com qualidade, bem aceita pe-

los consumidores brasileiros. Até 1990 a Argentina produziu para o mercado mundial de cebola juntamente com o Chile exportando aos países da Europa e aos Estados Unidos da América.

No período 1990-2004 houve três subperíodos determinados pelas alterações da taxa cambial no Brasil e que determinaram a intensidade da comercialização da cebola argentina no mercado brasileiro. No primeiro subperíodo (1990-94), com o Plano Collor e início do MERCOSUL, a taxa de câmbio era diferenciada. No segundo subperíodo (1995-99) com o Plano Real em vigor, a taxa de câmbio valorizava o real e favorecia a exportação de cebola argentina.

No terceiro subperíodo (2000-2004) houve redução na quantidade exportada pela Argentina em 2000, devido à desvalorização do real em 1999. No entanto a tendência da quantidade importada foi crescente e a Argentina enviou 77% de sua exportação de cebola ao Brasil. Se continuar essa ascensão em 2005 a participação da cebola argentina estará próxima a 20% do consumo do mercado brasileiro.

A tabela 2 evidencia a participação da cebola importada no período 1990-2004. A importação foi mais intensa no segundo subperíodo quando atingiu a média anual de 266 mil toneladas (25% do mercado brasileiro).

A área cultivada com cebola na Argentina em 1989 era de cerca de 20 mil hectares e produção de 410 mil toneladas. O consumo médio anual no início da década de 1990 era pouco superior a 300 mil toneladas/ano. No primeiro quinquênio da década de 1990 a área cultivada com cebola era em média 20.17 mil hectares e a produção de 476,2 mil toneladas.

Considerando a média de produção do primeiro quinquênio dos anos 90s e do período 2000-2004 a produção argentina aumentou em 26,3% e a área cultivada em 11,6% (Tabela 3).

5 - ANÁLISE DE PREÇOS NOS MERCADOS ATACADISTAS: Brasil e Argentina

O maior mercado atacadista de cebola no Brasil está no Estado de São Paulo e o principal local de afluência de bulbos é o ETSP-CEAGESP. Em 2003 foram comercializados 92,3 mil toneladas, sendo 76% de origem nacional e 26% importada, a maioria da Argentina. Em 1999, a quantidade comercializada no entreposto foi de

TABELA 2 - Evolução da Área Cultivada, Produção e Quantidade Importada de Cebola pelo Brasil, 1990-2004

Ano	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (t/ha)	Importação (t)
1990	74.646	869.067	11.643	9143
1991	76.666	887.728	11.579	58.831
1992	76.289	895.951	11.744	96.060
1993	71.910	928.704	12.915	87.791
1994	81.638	1.020.035	12.495	137.576
Média	76.230	920.297	12.075	77.880
1995	74.676	940.537	12.595	392.384
1996	69.838	897.643	12.853	239.697
1997	67.763	881.134	13.003	221.717
1998	67.745	838.232	12.373	254.587
1999	66.169	988.658	14.941	220.000
Média	69.238	909.140	13.153	265.677
2000	66.505	1.156.332	17.387	75.000
2001	63.929	1.050.348	16.430	105.239
2002	68.869	1.222.124	17.746	111.523
2003	68.220	1.194.352	17.507	172.675
2004	58.611	1.157.237	19.676	182.336
Média	65.227	1.156.079	17.749	109.355

Fonte: IBGE- LSPA, junho 2004, MDIC-SECEX, FAO. Faostat. Disponível em: <<http://www.apps.fao.org>>

TABELA 3 - Área, Prdutividade e Produção de Cebola na Argentina, 1990-2003

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1990	17.649	22.623	399.276
1991	20.197	24.679	498.450
1992	23.767	24.769	588.686
1993	19.578	22.574	441.962
1994	19.673	22.995	452.390
Média	20.173	-	476.153
1995	19.755	23.080	455.940
1996	21.333	28.342	604.627
1997	23.787	26.312	625.873
1998	29.093	27.422	797.782
1999	30.000	26.600	798.000
Média	24.794	-	656.444
2000 ¹	20.000	27.088	541.763
2001 ¹	21.000	27.451	576.477
2002 ¹	24.000	26.769	642.461
2003 ¹	25.000	25.800	645.000
Média	22.500	-	601.425

¹Estimativa Production Yearbook, FAO, Roma, v.57, 2003.

Fonte: Direcion de Mercado de Productos no Tradicionales (DMPNT) - SAGPyA.

78,5 mil toneladas e a participação da cebola Argentina foi de 30%.

No período 1998-2003, o preço médio de cebola no mercado atacadista foi de R\$479,22 por tonelada. A variação bianual dos preços mostrou pouca diferença entre os anos pares e ímpares, os preços maiores ocorreram em anos com final par e preços acima da média de março a julho, enquanto nos anos ímpares a ocorrência de preços acima da média foi menor, a diferença da média entre anos pares e ímpares foi de 25%. A amplitude da variação medida pelos índices foi de 56% e o desvio padrão de 20%, indicando mercado estável (Figura 1).

Na Argentina o principal mercado atacadista é o Mercado Central de Buenos Aires (MCBA). No período 1991-96, segundo Camargo Filho e Mazzei (1999), foram negociados 55.546 mil toneladas por ano.

O preço médio de cebola no período 1998-2003 foi de US\$255,00/t no MCBA. A figura 2 mostra a variação estacional bianual dos preços de cebola no MCBA. Observa-se grande diferença na estacionalidade em anos com finais par e ímpar.

Com base em informação de Camargo Filho e Mazzei (1999) e das estatísticas deste estudo pode-se afirmar que a importância do MCBA tem aumentado no mercado atacadista da Argentina. Em 2002 foi de US\$354,00/t e em 1999 US\$112,00/t. Nesse ano a produção argentina foi grande e houve desvalorização do real no Brasil. A média de preços dos anos com final par foi 27% superior, com preços ascendentes e maiores que a média de janeiro a outubro. Enquanto nos anos ímpares há evidência de mercado superabastecido com preços acima da média somente em outubro.

A figura 3 mostra a bi-estacionalidade da quantidade de cebola comercializada no MCBA e a diferença entre as médias é de apenas 2,1%, indicando regularidade na quantidade comercializada.

No período 1998-2003 a quantidade média comercializada foi de 89,8 mil toneladas. No entanto em 2002-2003 a média foi de 99,1 mil toneladas, indicando aumento de 12% relativamente ao biênio 2000-2001. Até 2001 a quantidade de cebola comercializada por ano foi abaixo de 88,7 mil toneladas, entre os meses do ano a quantidade ofertada mostrou regularidade.

6 - CONCATENAÇÃO DE SAFRAS POR REGIÕES

A figura 4 confeccionada com base em informações de Vilela et al. (2002) e Camargo Filho e Mazzei (1999) apresenta o calendário para época de colheita e comercialização nos principais estados produtores no Brasil.

O abastecimento brasileiro com bulbos no primeiro semestre do ano depende dos estoques de cebolas tardias do Sul, de janeiro a abril, como já foi dito, e também da produção Argentina a partir de março persistindo até julho.

Com o início de colheita em maio e junho, aparecem as cebolas dos cultivos de bulbinhos e de verão no Sudeste e no Nordeste as IPA 6 e IPA 11 (variedades melhoradas no Instituto de Pesquisa Agropecuária, atual Embrapa semi-árido, em Pernambuco). Em julho agosto persistindo até outubro as claras precoces do Nordeste, Sudeste e também do Centro-Oeste abastecem o Brasil. Em novembro-dezembro são colhidas os cultivares baias periformes do Sudeste e Sul, responsáveis pela oferta até janeiro, completando o abastecimento nacional. Percebe-se que há concatenação de safras e que no segundo semestre ocorre a maior safra com pleno abastecimento e formação de estoques.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abastecimento do MERCOSUL com cebola depende das produções brasileira e argentina. A produção ocorre todo o ano e em diferentes regiões dos países, as produções do Uruguai e do Paraguai são marginais e não interferem nos preços do mercado. A colheita no período janeiro-abril é insignificante, e o abastecimento é realizado com bulbos estocados do sul do Brasil e da Argentina. A exportação aos países do Hemisfério Norte também ocorre no primeiro semestre.

Dessa maneira é necessário que os governos do Brasil e da Argentina façam acordo para orientar a quantidade produzida em cada país visando o abastecimento do MERCOSUL em harmonia com pouca variação de quantidade ofertada e compatível a cada época do ano, conforme proposta do Anexo 1.

No período 1980-1985 a Gerência de Horticultura do então Ministério da Agricultura promoveu o Plano Nacional de Produção e Abas-

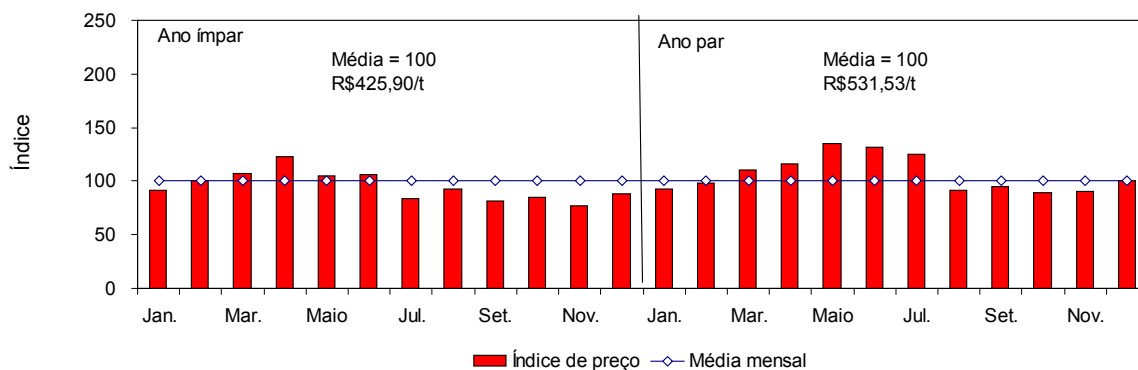


Figura 1 - Variação Estacional Bianual do Preço de Cebola, no Mercado Atacadista de São Paulo, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados do IEA.

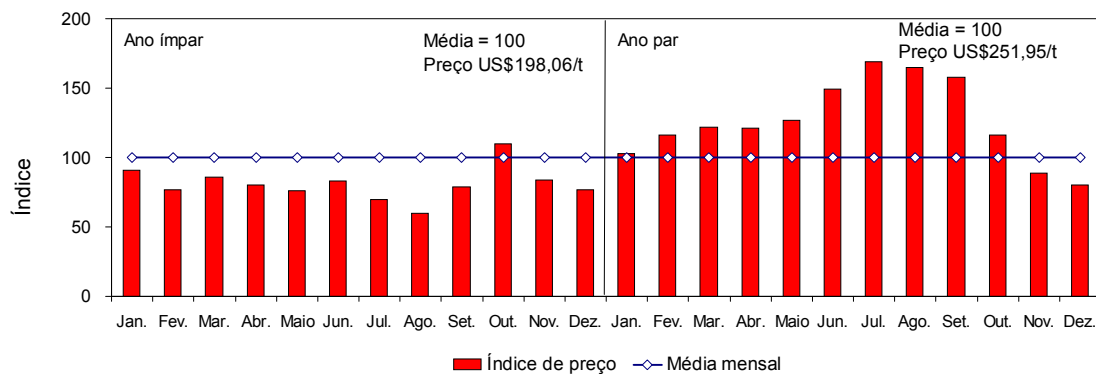


Figura 2 - Variação Estacional Bianual do Preço de Cebola Comercializada no MCBA, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de www.sagpya.mecon.gov.ar. Acesso em: 2004.

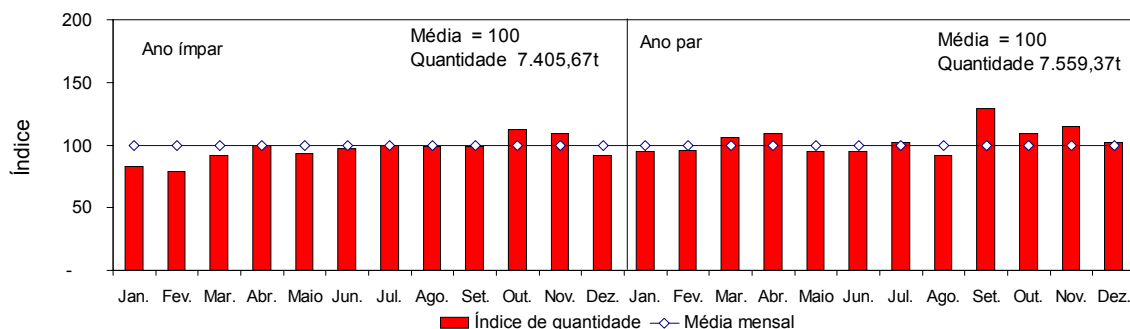


Figura 3 - Variação Estacional Bianual de Quantidade de Cebola Comercializada no MCBA, 1998-2003.
Fonte: Elaborada pelos autores com dados de www.sagpya.mecon.gov.ar. Acesso em: 2004.

Região/Estado	Variedade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
		Estoques											
Sul													
Rio Grande do Sul	Baia periforme												65.000
Santa Catarina													
Paraná	Tardia (estoque)	310.000											
Argentina	(Oferta líquida)			150.000									
Sudeste													
São Paulo	Claras precoces												
Minas Gerais	Baia periforme					60.000		185.000				170.000	
Nordeste													
Pernambuco	IPA-6												
Bahia	Claras precoces					95.000		90.000					
Centro Oeste													
Goiás	Claras precoces							30.000					
Brasil													
Quantidade ofertada		360.000					360.000					360.000	
Quantidade demandada		360.000					360.000					360.000	

Figura 4 - Calendário de Safras e Quantidade Ofertada de Cebola por Região para o Abastecimento no Brasil².

¹Para elaboração desse calendário de safras foram consideradas as produções das regiões brasileiras com informações do IBGE (2003) e da ANACE (2003).

²A estimativa considerada para o cálculo de consumo no Brasil é de 6,5kg de cebola *per capita*/ano, conforme a Pesquisa de Orçamentos Familiares (IBGE, 1998).

O consumo de cebola em domicílio no Brasil diminuiu para 4,5kg *per capita* em 2000, enquanto aumentou o consumo de temperos prontos e refeições fora do lar cerca de 2kg de bulbo *per capita*. Consideraram-se 90 mil toneladas mensais como sendo o ponto de inflexão de preços, visando o equilíbrio do mercado.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria do Comércio Exterior (SECEX), SAGPyA e Instituto de Economia Agrícola (IEA).

tecimento de Cebola (PLANACE), que continha diversos programas de política agrícola direcionados à modernização e expansão da cadeia produtiva de cebola.

Essas diretrizes, adotadas na época, alavancaram o setor produtivo e proporcionaram

estabilidade no mercado. Atualmente o estágio tecnológico da produção de cebola exige organização do setor produtivo para o fornecimento de bulbos ao MERCOSUL e para exportação ao Hemisfério Norte, pois os custos de produção e preços praticados são compatíveis.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO DE INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS DA AGRICULTURA: Anuário IEA 2003. São Paulo: IEA, 2004. (Sér.inf. estat. agric., v.15. n.1).

ANUÁRIO ESTADÍSTICO DO COMÉRCIO. **Produtos no tradicionais**. Buenos Aires, Argentina: SAGPyA, 2004.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CEBOLICULTORES - ANACE: XV SEMINÁRIO NACIONAL DE CEBOLA e VI SEMINÁRIO DE CEBOLA DO MERCOSUL, realizados na cidade de Petrolina-PE, abr. 2003.

BOEING, G. **Cebola**: estudo de economia e mercado de produtos agrícolas. Florianópolis, SC: IPEA, 1995.

CAMARGO FILHO, W. P. de. Produção e comercialização de cebola (*Allium cepa*, L) no Brasil. 1982. 83 p. Tese (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, São Paulo.

_____; ALVES, H. S. Mercado de cebola, quantidade e preços: prognóstico 2005. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 51-55, mar. 2005.

_____; MAZZEI, A. R. Produção e mercado de cebola no Mercosul, 1990-98. _____, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 19-50, abr. 1999.

FOOD AGRICULTURAL ORGANIZATION - FAO. **Production Yearbook**. Roma, v. 57, 2003.

HOFFMANN, R. **Estatística para economistas**. São Paulo: Pioneira, 1980. 390 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**. 5.ed. Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Levantamento Sistemático da Produção**. Rio de Janeiro, jun. 2004.

_____. **Levantamento Sistemático da Produção**. Rio de Janeiro, jun. 2003.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC/SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX. Disponível em: <www.aleiceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: ago. 2004.

SIMPÓSIO NACIONAL DA CADEIA PRODUTIVA DE CEBOLA, São José do Rio Pardo, 19-20 out. 2004.

SUMA ECONÔMICA. Rio de Janeiro, dez. 2004.

TOSI, J. C. Custo operativo de cebolla. **INTA Balcarce**, Supl. Económico, 25. Disponível em: <<http://www.ionta.gov.ar/balcarce/info/documentos/econo/suple/25/cebola.htm>>. Acesso em: out. 2004.

VILELA, N. J. et al. **Identificação de sistemas de produção de cebola nos principais estados produtores**: relatório final de pesquisa. Brasília: Embrapa - Hortaliças, 2002.

PRODUÇÃO DE CEBOLA NO MERCOSUL: aspectos tecnológicos e integração de mercado no Brasil e na Argentina

RESUMO: O trabalho analisa a evolução da produção de cebola no Brasil e na Argentina no período 1990-2003, apresenta a quantidade anualmente importada pelo Brasil na vigência do MERCOSUL. Discorre sobre aspectos tecnológicos e custos de produção nas principais regiões produtoras. Apresenta discussão sobre o abastecimento brasileiro e argentino, avaliando as quantidades produzidas nos dois países durante o ano. Elabora análise de preços e quantidades comercializadas nos mercados atacadistas de São Paulo e Buenos Aires. Quantifica a produção de cebola, por época e por região no Brasil, propõe cota de importação da Argentina e época de período de compra do bulbo visando o equilíbrio do mercado.

Palavras-chave: cebola, variedades, custos, estacionalidade e preços.

Informações Econômicas, SP, v.35, n.5, maio 2005.

**ONION PRODUCTION UNDER THE MERCOSUR:
technological aspects and market integration in Brazil and Argentina**

ABSTRACT: *This study analyzes the evolution of onion production in Brazil and in Argentina in 1990-2003 the period, with the amount annually imported by Brazil under the MERCOSUL. It discusses technological aspects and production costs concerning the main producing areas. The Brazilian and the Argentinean provisioning is discussed through the evaluation of amounts produced in both countries during the year. The study also analyzes prices and amounts commercialized in wholesale markets of São Paulo and Buenos Aires. Finally, it quantifies the Brazilian onion production, per period and per region, and proposes an import quota for Argentina, as well as period of the bulb purchase, aimed at market balance.*

Key-words: *onion, varieties, costs, seasonality, prices.*

Recebido em 14/01/2005. Liberado para publicação em 21/02/2005.

**PRODUÇÃO DE CEBOLA NO MERCOSUL:
aspectos tecnológicos e integração de mercado no Brasil e na Argentina**

Anexo 1

Calendário de Safras

A proposta de calendário de safras para integração dos mercados visa regularizar as quantidades ofertadas por regiões no Brasil, quantidade e época para internalização da cebola da Argentina de março a junho. A quantidade importada anual não deve superar 150 mil toneladas por ano dada a quantidade atual produzida no Brasil e o consumo nacional. Essas ações produzirão o mesmo efeito do PLANACE na década de 1980 com as safras solidárias nas regiões do Brasil. Essa medida é crucial tendo em vista que quando há excesso de oferta ocorre rolagem de estoques e os preços entram em declínio no segundo semestre concorrendo com a nova safra.

Estado/indicação	Mes											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Santa Catarina												
Colheita	X									X	X	X
Comercialização	X	X	X	X	X	X					X	X
Rio Grande do Sul												
Colheita										X	X	X
Comercialização	X	X	X	X							X	X
Paraná												
Colheita										X	X	X
Comercialização	X	X	X	X	X					X	X	X
São Paulo												
Colheita						X	X		X	X		X
Comercialização						X	X	X	X	X	X	X
Pernambuco e Bahia												
Colheita	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Comercialização	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Minas Gerais												
Colheita						X	X	X	X			
Comercialização						X	X	X	X	X		

Quadro A.1.1 - Calendário de Comercialização de Cebola, Brasil, 2003.
Fonte: ANACE (2003); CAMARGO FILHO; MAZZEI (1999) e VILELA et al. (2002).